

# Breve perfil de Natália em sua obra

Testemunho de *Urbano Tavares Rodrigues*  
ESCRITOR

Natália Correia é, pelo que há de heterogéneo, tumultuoso e apaixonado na sua obra, como na sua vida, figura singular da nossa literatura do século XX.

Tendo-se estreado com crónicas de viagem sobre os Estados Unidos (*Descobri que sou Europeia*), onde já afirmava uma personalidade muito forte, excessiva e contundente, foi na poesia que iniludivelmente nos deixou o mais rico e duradouro filão da sua escrita.

Deve muito à experiência surrealista e em particular a Mário Cesariny de Vasconcelos. Dele recebeu (e transformou) o desatino verbal de longos poemas anafóricos, recheados de surpreendentes metáforas, por vezes atingindo a violência e a beleza de alguns textos inspirados onde se abrem múltiplas pistas de sentido para representar o universo concentracionário do fascismo português, a mediocridade e a repressão, a pífia moral salazarista, a hipocrisia quase geral como no célebre poema “Queixa das Almas Jovens Censuradas” de um dos seus melhores livros, *Dimensão Encontrada*.

Estridente na polémica, provocatória e original na brilhante tentativa teatral que é *A Pécora*, propensa simultaneamente à espiritualidade e à magia, à cabala, ao culto do Espírito Santo, tão radicado na sua terra mãe, os Açores, deu-nos também ensaios e poemas todos voltados para a raiz, para a matéria, para a transcendência. Do mesmo modo, exibindo renovado virtuosismo orquestral e retórico, escreve, na última fase da sua vida os *Sonetos Românticos*, mais um desafio, tão longe das suas ficções de vanguarda como *Madona* ou *As Núpcias*, onde eleva o tema do incesto, grato à mitologia clássica a uma rara completude de desarmonia/harmonia.

A infantilização do País, os homens transformados em autómatos, a imitação da felicidade para estrangeiro ver tudo isso, metaforizou Natália Correia nessas célebres quadras que José Mário Branco cantou em França para os emigrantes e exilados e levou a todos os lugares de Portugal depois de Abril:

“Dão-nos a honra de manequim  
Para dar corda à nossa ausência.  
Dão-nos o prémio de ser assim  
Sem pecado e sem inocência.

Dão-nos um barco e um chapéu  
Para tirarmos o retrato.  
Dão-nos bilhetes para o céu  
Levado à cena num teatro.”

Romântica foi-o também decerto Natália Correia, mesmo pelo meio do onirismo surrealista ou da sua acalorada defesa dos direitos da mulher, na sua fascinação pelo andrógino, na expressão do eros total, no culto da mãe, na religião às suas ilhas de bruma e misticismo, até em muitas das suas veementes tomadas de posição no Parlamento ou em praça pública, no pequeno ecrã da televisão.

O relevo, quase excessivo, da mulher política obscureceu por vezes, o talento real e a sensibilidade da escritora. É bom que lhe façamos justiça e olhemos fundo para a sua obra, rio luminoso, por vezes em chamas, que traz consigo muito do que Natália viveu, leu, sonhou, quis construir e deixou incompleto, como quase todos os artistas da paixão.

O lado narcísico da sua personalidade, que convive com toda essa força e generosidade, também lá está, debruçado sobre o espelho da palavra.